
Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros

VICTOR FILIPE*

R E S U M O

No presente artigo, apresenta-se o estudo das ânforas romanas exumadas durante a intervenção arqueológica na Rua dos Bacalhoeiros, n.º 32, levada a efeito entre Outubro de 2005 e Fevereiro de 2006. Além de vestígios de períodos históricos mais recentes, foi identificado um núcleo de transformação de pescado da Época Romana, tendo sido registados quatro tanques de salga, entre outras estruturas da mesma época.

A B S T R A C T

In this article the author presents the study of the Roman amphorae recovered during archaeological excavations carried out in the Rua dos Bacalhoeiros, no. 32, between October 2005 and February 2006. Additionally to the remains of more recent historical periods, was identified a fish sauce industry of the Roman period that included, amongst other structures, four tanks for fish sauce transformation.

1. Introdução

A intervenção arqueológica no n.º 32 da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa) decorreu entre Outubro de 2005 e Fevereiro de 2006, inserindo-se num conjunto de medidas de minimização prévias às obras de reabilitação do referido edifício, que, por sua vez, se inserem no mega empreendimento de requalificação e reabilitação da Rua da Madalena e artérias envolventes, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa. A intervenção, assegurada pelos técnicos do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade da Câmara Municipal de Lisboa (Dr.^a Lídia Fernandes e Dr. António Marques¹), abrangeu a quase totalidade da área do edifício (160 m²), tendo-se procedido à divisão do espaço em três Sectores distintos, por sua vez subdivididos num total de onze sondagens.

Durante a escavação foi possível registar a existência de vários níveis de ocupação, do século I d.C. ao século XX, de que se destacam aqueles que se referem a um núcleo de transformação de pescado da Época Romana. Para além das estruturas daquele período, foi exumado um significativo conjunto cerâmico, de que se destacam as ânforas e a *terra sigillata* (em estudo por Lídia Fernandes e Eurico Sepúlveda), de reconhecida importância no que se refere ao estudo da economia antiga, à compreensão das dinâmicas comerciais, ritmos de consumo e hábitos alimentares, para além de se constituírem como excelentes indicadores cronológicos. É precisamente o estudo das ânforas romanas recolhidas durante a referida intervenção que aqui se apresenta.

2. A intervenção arqueológica na Rua dos Bacalhoeiros, n.º 32

O local da intervenção, entre a Rua da Padaria e a Rua da Madalena, situa-se no sopé da colina do Castelo, junto à entrada do antigo esteiro de rio que ocupava a actual zona da Baixa Pombalina, geomorfologicamente “no interface entre os aluviões das praias fluviais da embocadura do Tejo e a formação Miocénica das Argilas do Forno do Tijolo”, apresentando “solos instáveis e expostos aos efeitos de assoreamento erosivos do rio” (Fernandes & alii, 2006a, p. 1).



Fig. 1 Localização da intervenção arqueológica na planta de Lisboa.

A proximidade de relevantes evidências arqueológicas e patrimoniais, como a Cerca Velha (Silva, 1987, p. 94), um possível cais romano (Silva, 1987, p. 118) e, entre outros, os vestígios da Casa dos Bicos (Amaro, 1982, 2002), deixava antever o provável aparecimento de importantes ruínas arqueológicas.

De facto, durante a referida intervenção, foi possível registar uma intensa ocupação do espaço, traduzida na sobreposição de numerosas estruturas e depósitos, ao longo de um arco temporal que se estende desde a primeira metade do século I d.C. até aos nossos dias. Das Épocas Medieval e Moderna foram identificadas várias estruturas e níveis de ocupação e abandono relacionados com as antigas fangas da farinha e com as subsequentes carniçarias da cidade de Lisboa, bem como níveis de incêndio historicamente relacionáveis com o terramoto de 1755 (Fernandes & alii, 2006a, p. 6, 2006b, p. 61). Foram ainda postas a descoberto, embora apenas parcialmente, algumas estruturas de grande envergadura enquadráveis em finais do século XI e primeira metade do século XII, cuja funcionalidade se nos afigura, de momento, de difícil interpretação (Fernandes & alii, 2006a, p. 7, 2006b, p. 63).

No que se refere à ocupação durante o Período Romano, afinal aquela que aqui directamente interessa, foram identificadas várias estruturas conservadas, distribuídas pelos Sectores 1, 2 e 3, embora apenas no Sector 1, particularmente na Vala 5, se tenha escavado níveis arqueológicos preservados daquela época.

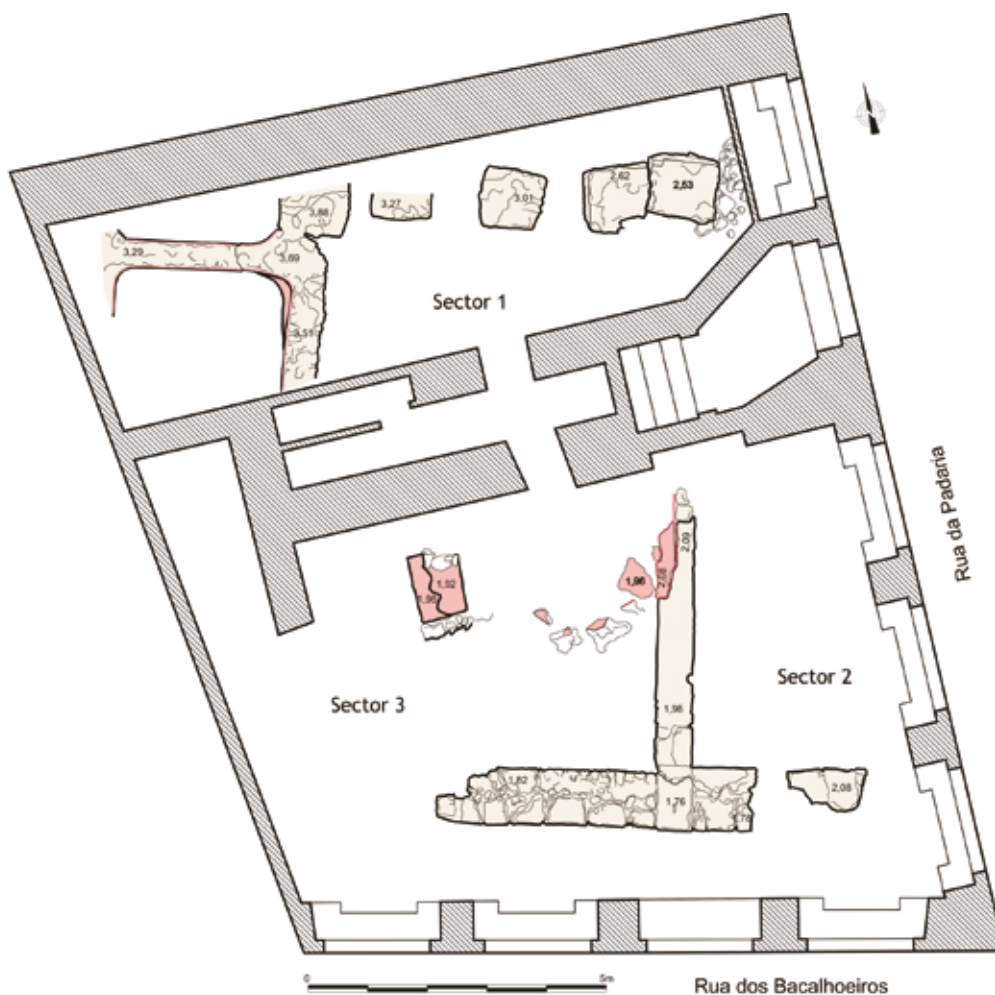


Fig. 2 Planta do edifício e implantação das estruturas de cronologia romana.

Assim, no Sector 1, foram postos a descoberto dois tanques de salga de peixe contíguos, com orientação SO-NE, revestidos a *opus signinum* no interior, com uma altura máxima conservada de 1,60 m e largura interna de 2,65 m. Ambos foram cortados pelas fundações do edifício, sendo que, no tanque localizado mais a sul, não se conservou o respectivo pavimento, que terá sido demolido aquando da construção de um poço da Época Moderna (séculos XVI-XVII), precisamente no interior do tanque. Foram ainda registados quatro embasamentos de secção rectangular, alinhados perpendicularmente aos tanques, orientados NO-SE, os quais parecem ter funcionado como infra-estrutura de suporte, muito possivelmente do pátio da unidade fabril (Fernandes & alii, 2006a, pp. 7-8).

Relativamente aos Sectores 2 e 3, área sul do edifício, foi igualmente registada a existência de dois tanques revestidos a *opus signinum*, embora estes se encontrassem em muito mau estado de conservação, preservados apenas parcialmente ao nível da sua base. O tanque localizado mais a este encontrava-se apoiado sobre um muro romano, de orientação idêntica à dos tanques identificados no Sector 1, preservado numa extensão máxima de 5,50 m e com 0,60 m de largura. Esta última estrutura entronca, a sul, num outro muro, perpendicular àquele, preservado num comprimento máximo de 5 m e largura que varia entre 0,90 m e 1 m, com orientação NO-SE. Esta grande estrutura, onde se observavam vários chumbadores em bronze e ferro embutidos nas pedras de maior dimensão, parece poder corresponder ao limite sul do núcleo de cetárias, prolongando-se originalmente em ambos os sentidos (Fernandes & alii, 2006a, pp. 9).

Sublinhe-se que o topo do muro delimitador deste núcleo de cetárias a sul se encontrava a uma cota absoluta de cerca de 1,76 m, em nível freático, portanto, tendo sido escavado pouco mais que o seu topo preservado. Por razões essencialmente relacionadas com os níveis freáticos, mas também de segurança e com a reduzida área disponível, não foi possível escavar os depósitos que encostavam e ladeavam esta estrutura. Resumidamente, não foram escavados quaisquer níveis arqueológicos preservados da Época Romana nos Sectores 2 e 3, embora se tenha aflorado o topo das estruturas anteriormente referidas, indubitavelmente de construção romana, sendo que sobre elas se regis-



Fig. 3 Muros romanos dos Sectores 2 e 3.



Fig. 4 Tanques de salga do Sector 1.

taram níveis de ocupação islâmica. Deste modo, os únicos dados estratigráficos que permitem esboçar um quadro cronológico para o período de construção, laboração e abandono deste núcleo de transformação de pescado são aqueles recolhidos durante a escavação do Sector 1, particularmente a Vala 5.

3. Os contextos

A intensa ocupação que se processou neste local desde, pelo menos, o século I d.C., traduzida num acumular de sucessivas construções e reconstruções, característica, aliás, própria dos ambientes urbanos, resultaria num registo arqueológico extremamente truncado, neste caso particularmente no que aos contextos de época romana diz respeito.

No caso vertente, os níveis romanos parecem ter sido sobretudo afectados durante o Período Islâmico e aquando da construção do actual edifício, cujos alicerces chegam a atingir mais de 3 m de profundidade, cortando literalmente as estruturas pré-existentes. Embora estes factores, assim como outras questões sobretudo relacionadas com a dinâmica do fluxo e refluxo dos níveis freáticos, condicionem bastante a leitura do registo arqueológico, considera-se que os contextos estratigráficos preservados daquela época permitem, ainda assim, reconstituir alguns factos relacionados com a cronologia e dinâmica de ocupação deste espaço (Fernandes & alii, 2006a, p. 9).

Paralelamente, a estratigrafia preservada documenta uma sucessão de alterações e arranjos levados a efeito ainda durante o Período Romano, aparentemente relacionados com remodelações efectuadas no núcleo de transformação de pescado ao longo da sua longa diacronia de utilização, provocando, igualmente, várias intrusões nos níveis estratigráficos precedentes (Fernandes & alii, 2006a, p. 9).

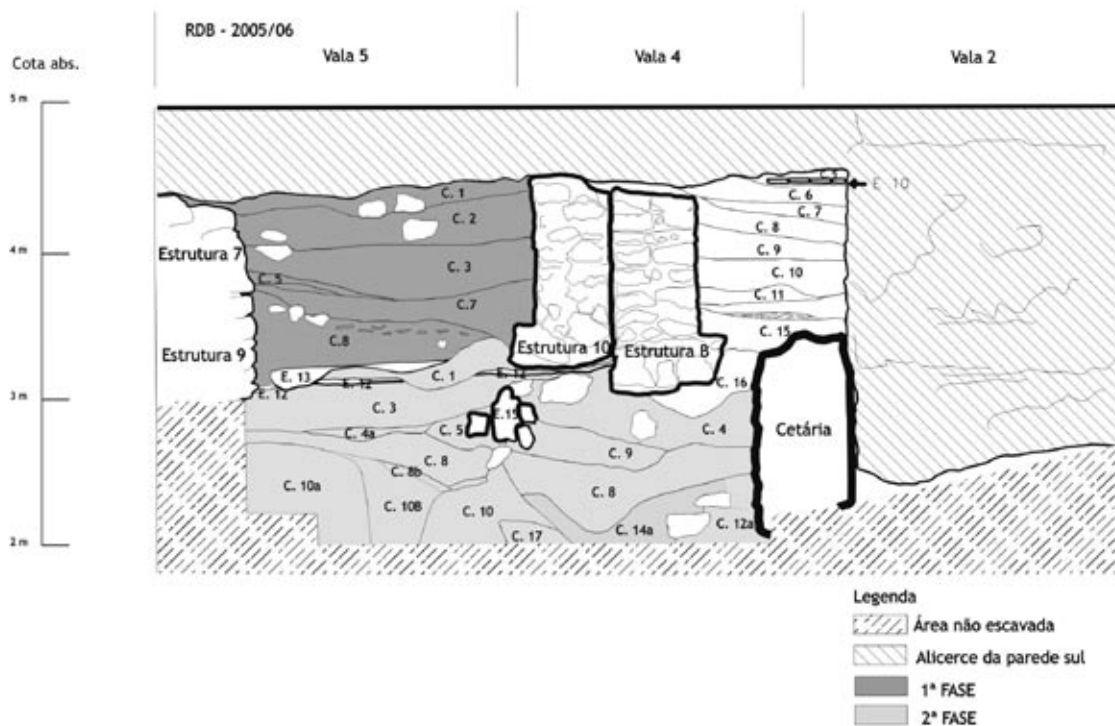


Fig. 5 Perfil sul do Sector 1, Valas 2, 4 e 5.

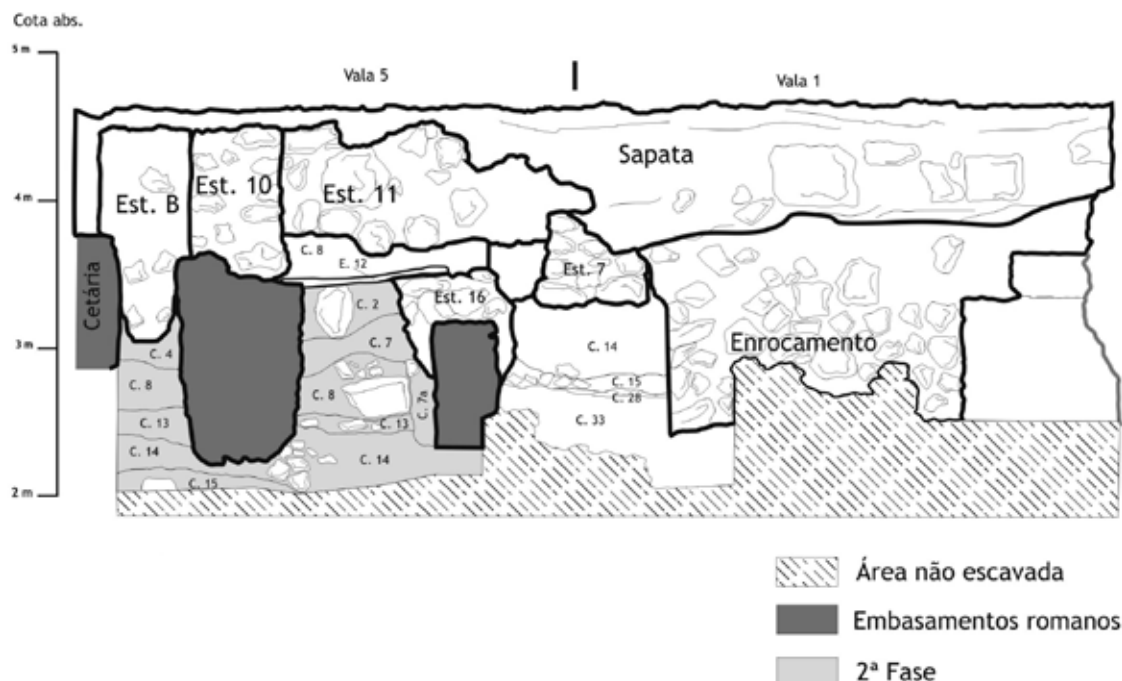


Fig. 6 Perfil norte do Sector 1, Valas 1 e 5.

Conforme anteriormente se referiu, os mencionados contextos preservados da Época Romana foram sobretudo identificados na Vala 5 do Sector 1, 2.^a fase, procedendo daí os conjuntos de materiais que de seguida se apresentam, tendo-se seleccionado os depósitos onde se documentou a existência de ânforas a par de outros materiais cerâmicos que forneçam bons indicadores cronológicos.

Na Camada 8 (Fig. 7) foram recolhidos vários fragmentos de ânfora, destacando-se as produções lusitanas e do vale do Guadalquivir. Quanto às primeiras, estão presentes bordos e colos com asa, para além dos opérculos, que evidenciam as características formais das mais precoces produções anfóricas do Extremo Ocidente peninsular, cuja cronologia abrange, pelo menos, desde inícios de Augusto até ao primeiro terço do século I d.C. (Morais, 2003, p. 40; Morais & Fabião, 2007, p. 131). Relativamente às produções do vale do Guadalquivir, identificaram-se vários bordos de Haltern 70, cronologicamente enquadráveis entre meados do século I a.C. e finais do século I/inícios do II d.C. (Remesal Rodríguez & Carreras Monfort, 2003, pp. 21–22).

Foi ainda identificado um bordo de Dressel 1 de produção itálica, balizada entre meados do terceiro quartel do século II a.C. e meados da segunda metade do século I a.C. (Desbat, 1998; Pimenta, 2005); um fundo de base plana, possivelmente de uma Dressel 28 de produção gaditana, de finais do século I a.C. à primeira metade do II d.C. (Peacock & Williams, 1986, p. 170); um fundo de uma Oberaden 83 produzida no vale do Guadalquivir, de produção atestada desde o início do principado de Augusto ao final do de Tibério (Berni Millet, 1998, p. 30); e uma asa de ânfora de produção gaditana com marca de oleiro, infelizmente sem paralelos conhecidos. Poderá pertencer a uma ânfora de tipo Beltrán 2 ou Dressel 7–11, ambas produzidas naquela área e com cronologias em torno do século I d.C. (García Vargas, 1998).

Para além das ânforas, foram ainda recolhidos inúmeros fragmentos de cerâmica de paredes finas com decoração granitada, cronologicamente enquadráveis na primeira metade do século I d.C. (Fernandes & alii, 2006a, p. 10).

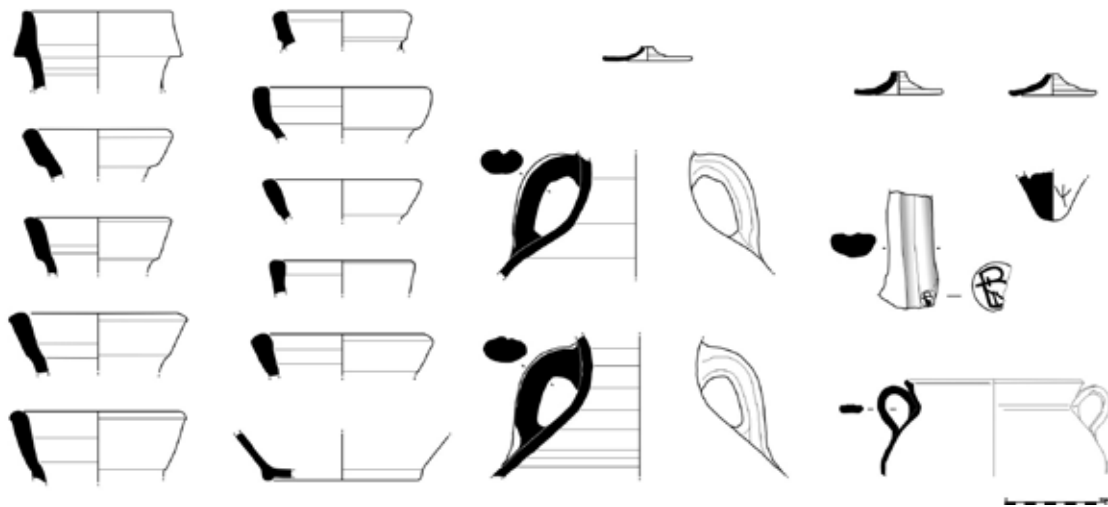


Fig. 7 Materiais da Camada 8, Sector 1, Vala 5.

Da camada 10 (Fig. 8) provém um conjunto significativo de *terra sigillata* de produção itálica (TSI) e sudgálica (TSSG), a saber: forma *Conspectus* 22.1.3. (TSI - entre 20 a.C. e Tibério); *Conspectus* 11 (TSI - meados do principado de Augusto); *Conspectus* 22 (TSI - entre a mudança da Era e o principado de Tibério); Drag. 18 (TSSG - 15–60 d.C.); Drag. 27 (TSSG - 10–120 d.C.). Identificaram-se ainda três marcas em *terra sigillata* itálica e uma em *terra sigillata* sudgálica. As primeiras indicam-nos cronologias balizadas entre 15 a.C. e 40 d.C., e a galo-romana aponta para o principado de Tibério.

Refira-se ainda um fragmento de cerâmica de paredes finas com decoração a molde no exterior e granitado arenoso no interior, datável entre Tibério e Nero, e de um fragmento de disco de lucerna, decorado com motivos geométricos, da forma Deneauve IVC (ou Dressel/Lamboglia 9), enquadrável em meados do século I d.C. (Fernandes & alii, 2006a, p. 11).

Quanto às ânforas da camada 10, destacam-se quatro bordos de Ovóides Lusitanas, um dos quais conserva ainda a totalidade do colo, asa e parte do ombro, observando-se ainda a presença de opérculos e de um fundo com pé em anel, igualmente de produção lusitana, possivelmente de uma Dressel 28. De produção bética, concretamente do vale do Guadalquivir, registou-se apenas a presença de um bordo de Haltern 70 e de um opérculo.

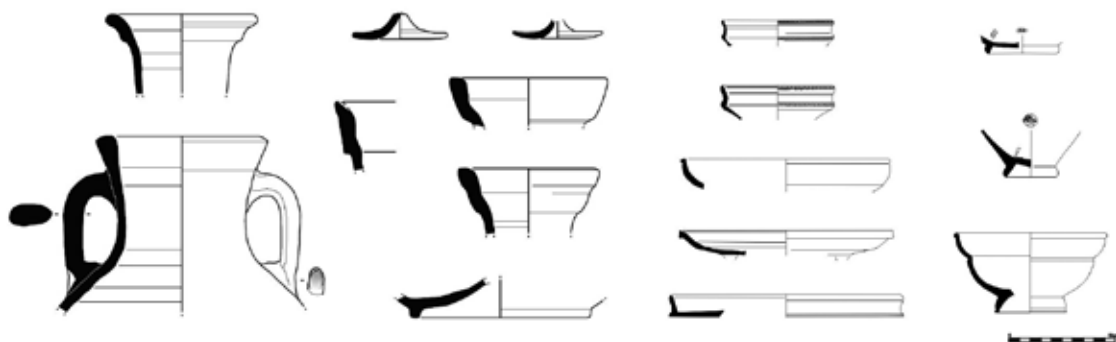


Fig. 8 Materiais da Camada 10, Sector 1, Vala 5.

Relativamente à camada 13 (Fig. 9), foram exumados quatro bordos de ânfora de tipo Haltern 70, um de tipo Oberaden 83 e um de tipo Dressel 7-11, esta última tipologia com cronologia de produção e circulação balizada entre o último terço do século I a.C. e os finais do século I/inícios do século II d.C. (García Vargas, 1998, pp. 76-92). Foi ainda registada a presença de opérculos de ânfora de produção lusitana e de um disco de lucerna completo, com aletas laterais, enquadrável na forma Deneauve VE da primeira metade do século I d.C. (Fernandes & alii, 2006a, p. 12).

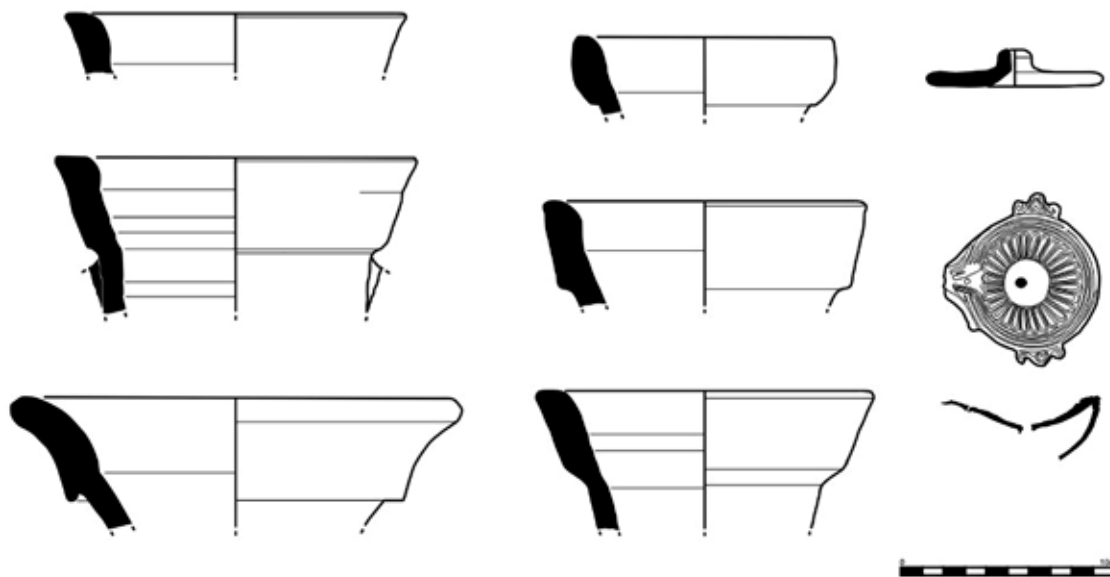


Fig. 9 Materiais da Camada 13, Sector 1, Vala 5.

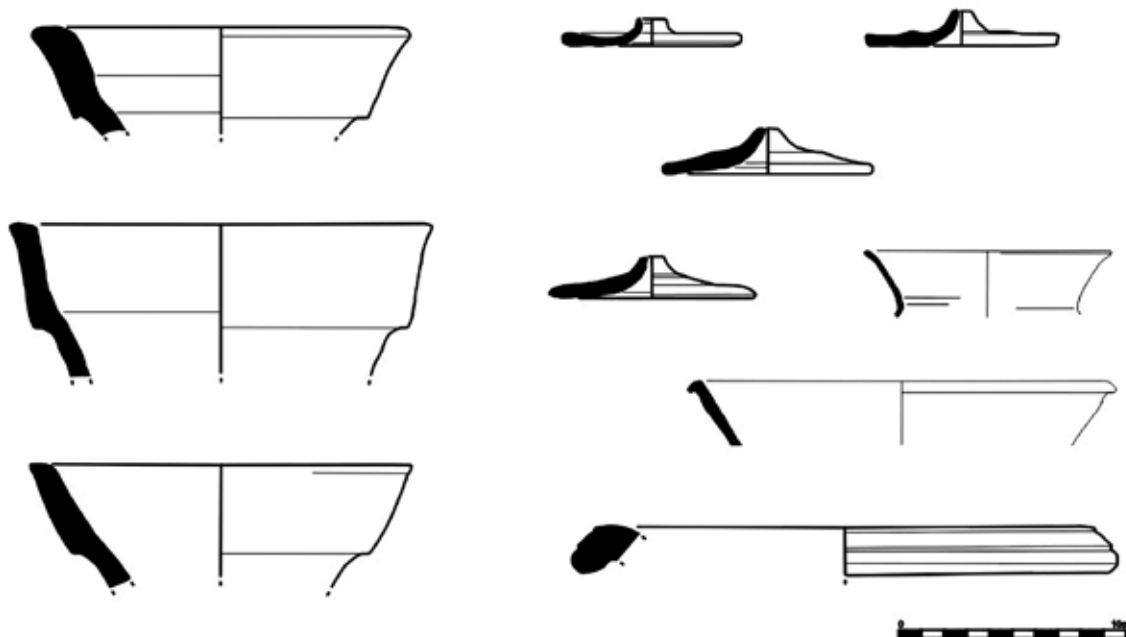


Fig. 10 Materiais da Camada 14, Sector 1, Vala 5.

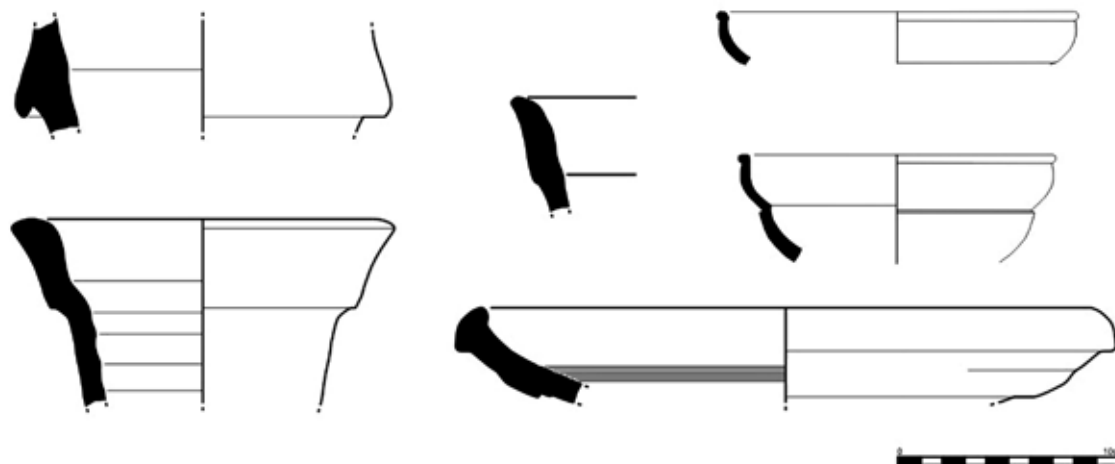


Fig. 11 Materiais da camada 17a, Sector 1, Vala 5.

Na camada 14 (Fig. 10) recolheram-se três bordos de ânfora de tipo Haltern 70, um considerável número de opérculos de produção lusitana e gaditana, e um bordo de ânfora Mañá C2b, de produção gaditana, cronologicamente enquadrável entre meados do século II a.C. e o último quartel do século I a.C. (Arruda & Almeida, 1998, p. 212). Foram ainda recolhidos alguns fragmentos de bordo de cerâmica cinzenta e um fragmento de cerâmica de paredes finas com decoração aproximada às paredes finas com espinhos da Época Republicana com uma cronologia entre 30 a.C. e 20 d.C. (Fernandes & alii, 2006a, p. 12).

Por último, da camada 17a (Fig. 11) procedem dois fragmentos de bordo de Haltern 70 e um de Dressel 1 de produção itálica, bem como um bordo de almofariz de produção bética da primeira metade do século I d.C. Foram ainda identificados dois fragmentos de *terra sigillata* sudgálica: a forma Drag. 27, datável entre 10 e 120 d.C., e uma Drag. 18, de idêntica cronologia (Fernandes & alii, 2006a, p. 12).

A leitura das sincronias evidenciadas por estes contextos remete a edificação deste núcleo de transformação de pescado para meados do século I d.C., provavelmente ainda durante o segundo quartel daquele século (Fernandes & alii, 2006a, p. 9). Por outro lado, a antiguidade de alguns dos materiais anfóricos aqui presentes, como as Dressel 1 e a Mañá C2b, ou mesmo a Oberaden 83 e algumas formas de *terra sigillata*, indicam-nos a existência de contextos anteriores que terão sido remexidos ainda durante o período romano, muito provavelmente durante as obras de construção e remodelação da unidade fabril.

Relativamente ao seu abandono, tal parece ter-se verificado durante o século IV, estando presentes alguns fragmentos de *terra sigillata* clara D, nomeadamente a forma Hayes 61 A produzida entre 325 e 400 d.C. (Fernandes & alii, 2006a, p. 13). Curiosamente, e pese embora a longa diacronia de laboração deste núcleo de transformação piscícola, cronologicamente, as ânforas documentadas na Rua dos Bacalhoeiros não ultrapassam o final do século I/meados do século II d.C., estando ausentes formas mais tardias.

4. As ânforas

Na intervenção arqueológica da Rua dos Bacalhoeiros foram identificados 98 fragmentos de ânfora (entre bordos, fundos e asas), de dez tipologias diferentes, que correspondem a um NMI

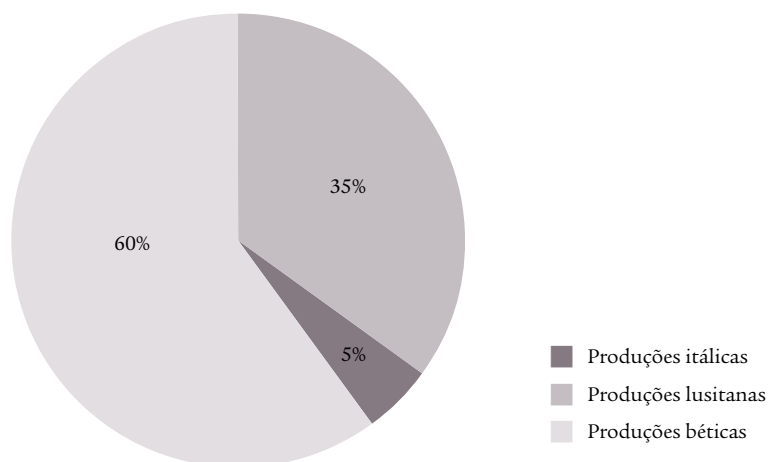


Fig. 12 Gráfico representando a percentagem das diferentes regiões produtoras (sobre o NMI).

(Número Mínimo de Indivíduos) de 40 indivíduos. No estudo das pastas, procedeu-se à análise macroscópica com uma lupa de 15 aumentos, tendo-se em conta o tipo de pasta e de cozedura, natureza, frequência e forma dos elementos não plásticos, e a cor da pasta, de acordo com a designação e código de Munsell Soil Color Charts (1998).

No presente conjunto destacam-se claramente as Haltern 70 produzidas no vale do Guadalquivir e as ânforas de produção lusitana, enquadráveis nas precoces formas de corpo ovóide da Época Romana.

4.1. Ânforas de importação

4.1.1. As Dressel 1 itálicas

Foram identificados dois fragmentos de bordo desta tipologia e um fragmento de asa que poderá pertencer a uma ânfora de tipo Dressel 1 ou greco-itálica. Trata-se de um contentor destinado a transportar os vinhos itálicos produzidos nas regiões da Etrúria, Campânia e Lácio (Hesnard & Lemoine, 1981) durante o Período Republicano, cuja disseminação se associa normalmente à passagem dos contingentes militares romanos, tendo sido produzida desde meados do terceiro quartel do século II a.C. até meados da segunda metade do século I a.C. (Desbat, 1998; Pimenta, 2005).

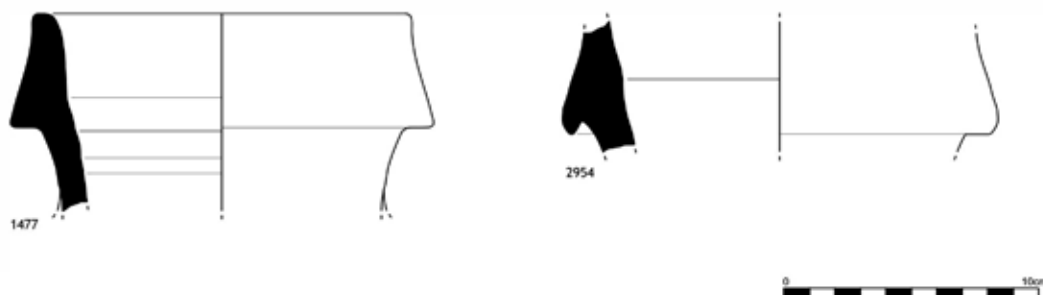


Fig. 13 Ânforas de tipo Dressel 1 de produção itálica.

Esta forma está amplamente documentada por todo o território nacional (Pimenta, 2005, p. 120, Fig. 31; Bargão, 2006, p. 40, Fig. 17), embora se registe uma maior incidência nas zonas costeiras e nas áreas próximas aos grandes rios, nomeadamente em Lisboa, onde se conhecem mais de duas centenas de exemplares, na sua esmagadora maioria provenientes do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005).

A análise macroscópica das pastas revelou tratar-se de produções da península itálica, embora se tivessem identificado diferentes características petrológicas em cada um dos três fragmentos, correspondendo, portanto, a três grupos de fabrico distintos.

Grupo PI 1 – Pasta pouco depurada, compacta e dura, de cozedura oxidante e cor rosada (7.5 YR 7/4). Os elementos não plásticos são muito abundantes, essencialmente compostos por inúmeras partículas negras de origem vulcânica, quartzos sub-rolados de pequena e média dimensão, mica, grãos carbonatados e grãos ferruginosos de pequena e média dimensão. Presença de vacúolos. Trata-se das típicas produções da região da Campânia, caracterizadas pela abundância de partículas negras de origem vulcânica, habitualmente designadas como produções tipo *Eumachi* (Peacock & Williams, 1986; Hesnard & alii, 1989). Corresponde ao grupo PI 2 das ânforas do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008, p. 85).

Grupo PI 2 – Pasta depurada, homogénea e dura, de cozedura oxidante e cor amarelo-avermelhado (5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, sendo essencialmente constituídos por quartzos sub-rolados de pequena dimensão, grãos carbonatados de pequena dimensão, grãos ferruginosos de média dimensão e minúsculas micas, observando-se ainda pequenos vacúolos. Corresponde ao grupo PI 1 das ânforas do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008, p. 85).

Grupo PI 3 – Pasta pouco depurada, compacta e dura, de cozedura oxidante e cor bege (10 YR 7/3). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos, de pequena, média e grande dimensão, sendo constituídos por quartzo, partículas negras de origem vulcânica, micas douradas, nódulos de argila cozida e ocasionais grãos ferruginosos. Corresponde ao grupo PI 4 do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008, p. 85) e, provavelmente, ao grupo 2 das produções itálicas do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005, p. 54).

4.1.2. As Mañá C2b

Destinada ao transporte dos preparados piscícolas produzidos na região meridional hispânica (Arruda & Almeida, 1998, p. 208), esta tipologia foi produzida durante o período de tempo compreendido entre meados do século II a.C. e o último quartel do século I a.C. na área do “Círculo do Estreito de Gibraltar” (Ramon Torres, 1995).

Trata-se de uma das formas anfóricas mais bem documentadas em *Olisipo*, especialmente nas escavações do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005), no Claustro da Sé (Pimenta, 2006) e no teatro romano de Lisboa (Diogo & Trindade, 1999; Diogo, 2000; Filipe, 2008), onde se conhecem mais de duas centenas de exemplares, estando presente um pouco por toda a colina do castelo.

O único fragmento de bordo de Mañá C2b exumado na intervenção da Rua dos Bacalhoeiros exhibe as características pastas da área costeira da região meridional hispânica, grupo de pastas PB1. De entre as produções anfóricas com origem na província da Bética, foram identificados três grupos de pastas distintos:

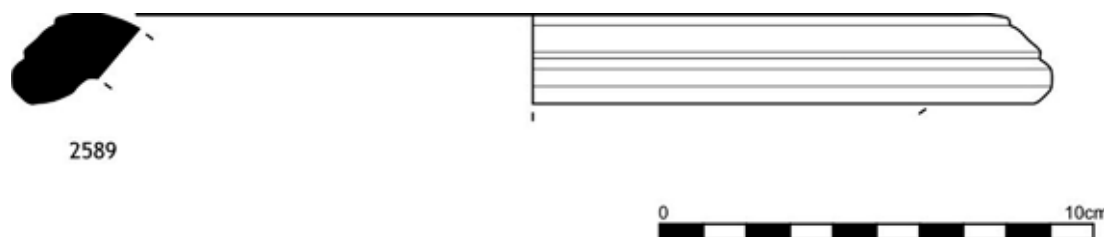


Fig. 14 Bordo de ânfora de tipo Mañá C2b.

Grupo PB 1 – Pasta depurada, arenosa, compacta e de cozedura oxidante e cor vermelho-amarelado (2.5 YR 7/6; 5 YR 6/8; 7.5 YR 7/6; 2.5 Y 8/4). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos rolados e sub-rolados de pequena dimensão, ocasionais nódulos de argila cozida de pequena dimensão, calcite, mica, alguns grãos carbonatados e grãos ferruginosos. Presença de vacúolos. Corresponde às produções da zona costeira da Bética, e ao grupo de pastas PB 2 do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008).

Grupo PB 2 – Pasta depurada, arenosa, pulverulenta e friável, de cozedura oxidante e cor amarelo-claro (2.5 YR 8/3; 2.5 Y 7/4). Os elementos não plásticos são pouco abundantes, constituídos por quartzos rolados e sub-rolados de pequena dimensão, nódulos de argila cozida de média dimensão, raros grãos carbonatados, grãos ferruginosos de média dimensão. Corresponde às produções da baía gaditana e aos grupos 2 do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005) e PB 3 do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008).

Grupo PB 3 – Pasta pouco depurada, compacta e dura, arenosa, de cozedura oxidante e em tons de bege e amarelo-avermelhado (10YR 7/4; 5 YR 8/3). Os elementos não plásticos são muito abundantes e de matriz arenosa, bem distribuídos, observando-se sobretudo a profusão de quartzos angulosos de pequena e média dimensão, feldspatos, calcite e mica. Observam-se abundantes vacúolos. Corresponde às produções do vale do Guadalquivir e ao grupo de pastas PB 4 do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008).

4.1.3. As Haltern 70

Trata-se da tipologia mais bem representada no conjunto das ânforas recolhidas durante a intervenção arqueológica da Rua dos Bacalhoeiros, tendo-se identificado 18 fragmentos de bordo. Embora a sua presença se faça notar sobretudo a partir do principado de Augusto e ao longo de todo o século I d.C., o início da sua produção recua a meados do século I a.C. (Remesal Rodríguez & Carreras Monfort, 2003, pp. 21–22), ou mesmo ao segundo quartel do mesmo século (Tchernia, 1990, p. 296), estando presente nos contextos tar-do-republicanos de Mesas do Castelinho (Fabião & Guerra, 1994, p. 280), Lomba do Canho (Fabião, 1989, pp. 61–64) e Santarém (Almeida, 2006, pp. 59–66). O seu fabrico terá terminado em finais do século I/inícios do II d.C. (Remesal Rodríguez & Carreras Monfort, 2003, pp. 21–22; García Vargas, 1998, p. 98).

Relativamente às áreas de produção, a Haltern 70 foi principalmente produzida na região do médio e alto vale do Guadalquivir, de onde são provenientes a maioria dos exemplares conhecidos

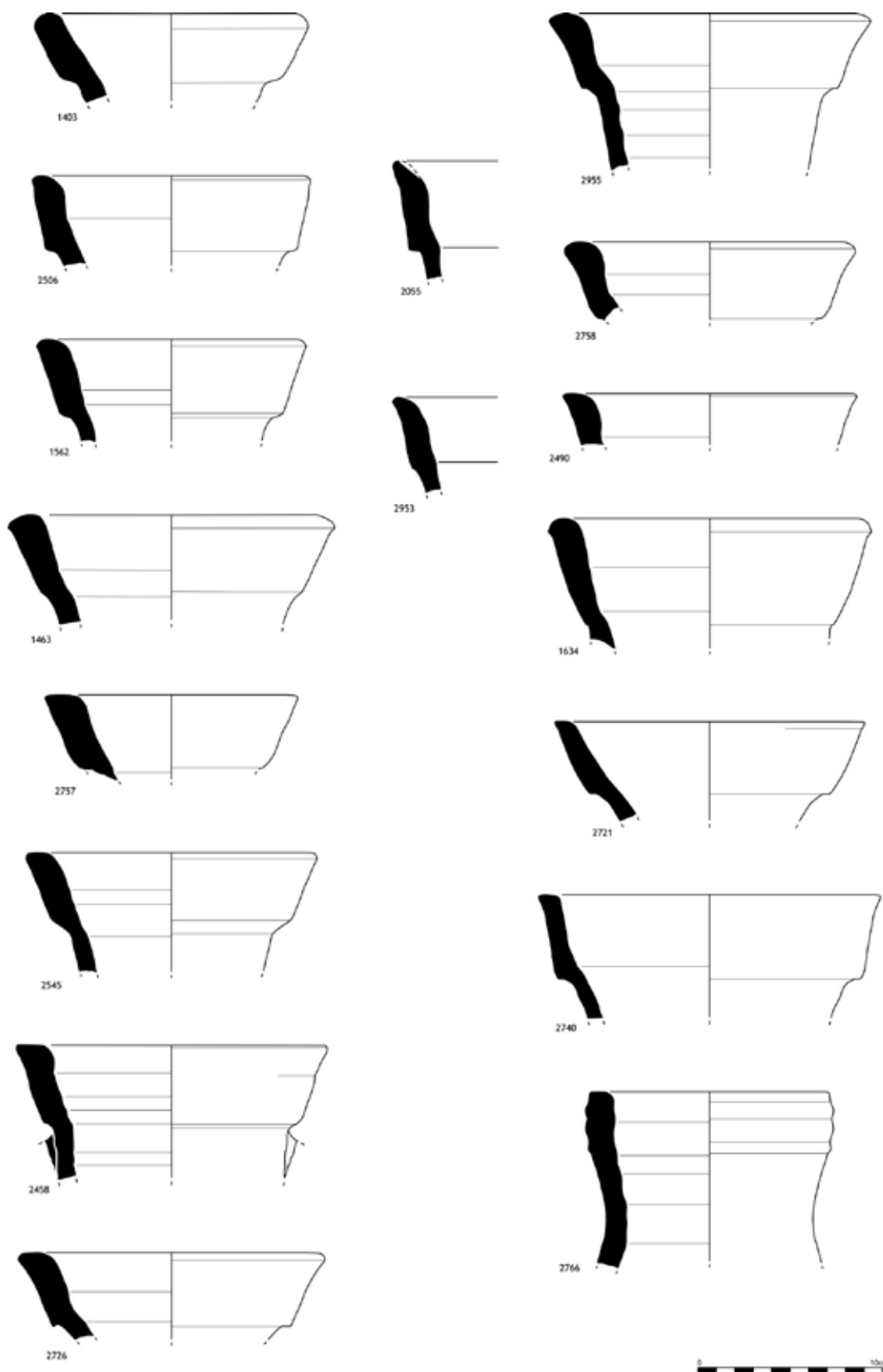


Fig. 15 Ânforas de tipo Haltern 70.

nos vários centros de consumo, mas também na actual província de Cádiz e na região das Marismas e de Huelva (Carreras Monfort, 2003, pp. 75–81). Com excepção da peça n.º 2766, de fabrico gaditano (grupo de pastas PB1), todos os exemplares identificados na Rua dos Bacalhoeiros são provenientes do vale do Guadalquivir.

Embora a problemática em torno da questão dos produtos transportados por estas ânforas se mantenha (veja-se, entre outros, Fabião, 1998, 2000), tudo indica tratar-se de um contentor preferencialmente destinado ao transporte de vinho, embora tenha sido igualmente utilizado para o transporte de outros produtos, como subprodutos vínicos e conservas (Fabião, 1998, p. 180, 2000, p. 668).

A sua presença regista-se um pouco por todo o território nacional, embora com especial incidência na região do Noroeste (Morais & Carreras Monfort, 2003, p. 101). Tendo em conta que em *Scallabis* foram registadas mais de duas centenas de ânforas daquela tipologia (Almeida, 2006), a realidade conhecida para *Olisipo* não deverá, por certo, reflectir o verdadeiro panorama das importações de Haltern 70 para esta cidade, representando, muito provavelmente, antes um reflexo do estado actual da investigação. De facto, em Lisboa, até há relativamente pouco tempo apenas eram conhecidos cerca de 26 exemplares desta tipologia (Morais & Carreras Monfort, 2003, p. 101), aos quais se acrescentaram, nos últimos anos, seis do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros (Sabrosa & Bugalhão, 2004), 32 do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008, p. 46), um do Palácio do Marquês de Angeja (Filipe, 2008, p. 46, estampa XLII), um outro do Beco do Marquês de Angeja (Filipe & Calado, 2007, p. 7) e estes 18 da Rua dos Bacalhoeiros.

4.1.4. As Oberaden 83

Ânfora de corpo tendencialmente ovóide, a Oberaden 83 destinava-se a envasar e transportar o azeite produzido na região meridional hispânica, particularmente no vale do Guadalquivir, correspondendo a uma evolução formal da Dressel 25 e à predecessora da Dressel 20 (Berni Millet, 1998). Terá sido produzida entre os dois últimos decénios do século I a.C. e, presumivelmente, o final do principado de Tibério, surgindo geralmente bem documentada nos acampamentos militares romanos a par de outras produções béticas da mesma época, como a Haltern 70, as Dressel 7–11 e a Beltrán IIA (Berni Millet, 1998, pp. 27–30; Almeida, 2006, pp. 85 e 86).

Em Portugal, embora se observe a sua presença de norte a sul do território, ela está especialmente bem representada em Santarém (Arruda, Viegas & Bargão, 2005; Almeida, 2006), encontrando-se atestada em Lisboa principalmente no conjunto do teatro romano (Filipe, 2008).

Na Rua dos Bacalhoeiros foi recolhido um fragmento de bordo e um de fundo atribuíveis a esta tipologia, ambos apresentando as típicas pastas do vale do Guadalquivir.



Fig. 16 Bordo e fundo de ânfora de tipo Oberaden 83.

4.1.5. *As Dressel 7-11*

Desta tipologia foram recuperados dois fragmentos de bordo, ambos de produção gaditana (grupo de pastas PB1). Trata-se de uma ânfora destinada ao transporte de preparados à base de peixe, genericamente produzida entre o último terço do século I a.C. e os finais do século I/inícios do século II d.C. (García Vargas, 1998, pp. 76–92). Apesar de ter sido principalmente produzida na região da bética costeira, esta forma foi igualmente fabricada no vale do Guadalquivir (Almeida, 2006), na Tarraconense (Molina Vidal, 1997), na Gália (Molina Vidal, 1997), na Mauritânia (Boube, 1973–1975) e na Lusitânia, nos fornos do Morraçal da Ajuda, em Peniche, e no Porto do Sabugueiro, Muge, no Vale do Tejo (Cardoso, 1990; Cardoso, Rodrigues & Sepúlveda, 2006).

Em território actualmente português encontra-se amplamente atestada, estando igualmente presente em *Olisipo* (Sabrosa & Bugalhão, 2004; Filipe, 2008).

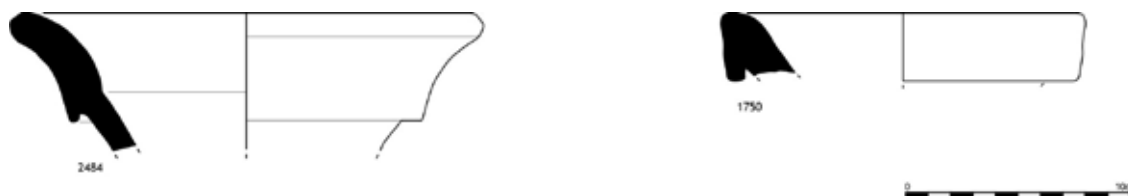


Fig. 17 Ânforas de tipo Dressel 7–11.

4.1.6. *Outras ânforas de produção bética*

Foi exumado um fragmento de asa de ânfora, provavelmente de tipologia Beltrán II ou Dressel 7–11, de produção gaditana, com marca de oleiro impressa na zona do arranque inferior (Fernandes & alii, 2006a). Infelizmente, não são conhecidos paralelos para esta marca, embora seja relativamente comum a existência de marcas de oleiro com letras em nexos sobre cartela circular provenientes daquela região produtora. Da sua leitura, apenas é possível observar seguramente a letra B, e uma ou mais letras em nexos (Fernandes & alii, 2006a, p. 10).

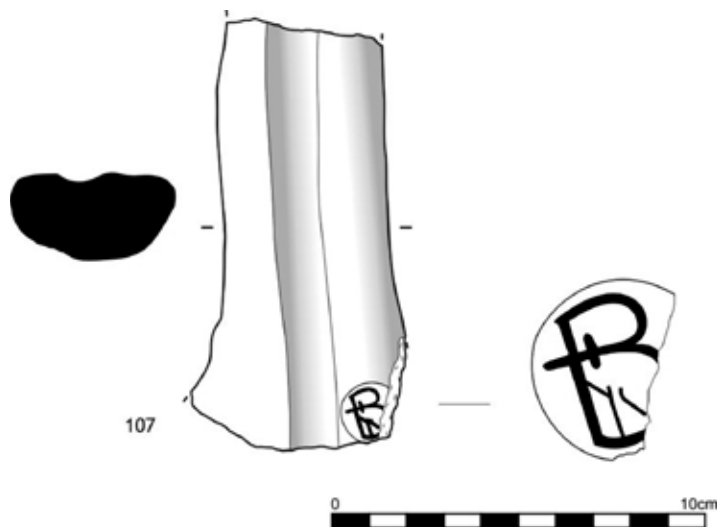


Fig. 18 Asa de ânfora de produção gaditana com marca de oleiro.



Fig. 19 Marca de ânfora sobre o arranque de asa, possivelmente de uma ânfora de tipo Beltrán 2A ou Dressel 7-11, de produção gaditana.

O fragmento n.º 2890 pertence seguramente a uma ânfora de tipo Dressel 2-4, de produção atribuível à baía gaditana. Trata-se de uma imitação das asas bífidas das Dressel 2-4 itálicas, compostas por dois rolos de secção circular justapostos, típicos desta forma.

A Dressel 2-4, originariamente produzida na Península Itálica e destinada a envasar vinho, foi amplamente imitada por todo o Império Romano, balizando-se a sua produção entre meados do século I a.C. e os finais do século II d.C. (Morais, 1998; Almeida, 2006). Em Portugal são conhecidos exemplares desta tipologia, de produção bética, por exemplo, em Lisboa (Filipe, 2008) em Braga (Morais, 1998) e em Santarém (Almeida, 2006).

De produção igualmente gaditana é o fundo n.º 1663, de base plana e pé baixo, em anel, possivelmente pertencente a uma ânfora de tipo Dressel 28. Trata-se de um contentor de pequena dimensão, de corpo ovóide e fundo plano, produzido entre os finais do século I a.C. e a primeira metade do século II d.C. (Peacock & Williams, 1986, p. 150), caracterizado no estudo do naufrágio Port-Vendres II (Colls & alii, 1977). Foi produzida na Andaluzia, na Tarraconense, na Gália Narbonense e, aparentemente, no Vale do Tejo (Fabião, 1998), estando relativamente bem documentada no território actualmente português (um ponto da situação em Filipe, 2008, pp. 47-48).

Foram ainda recolhidos alguns opérculos de ânfora cujas pastas evidenciam características assimiláveis às produções béticas, de que se apresentam os que se mantêm em melhor estado de conservação.

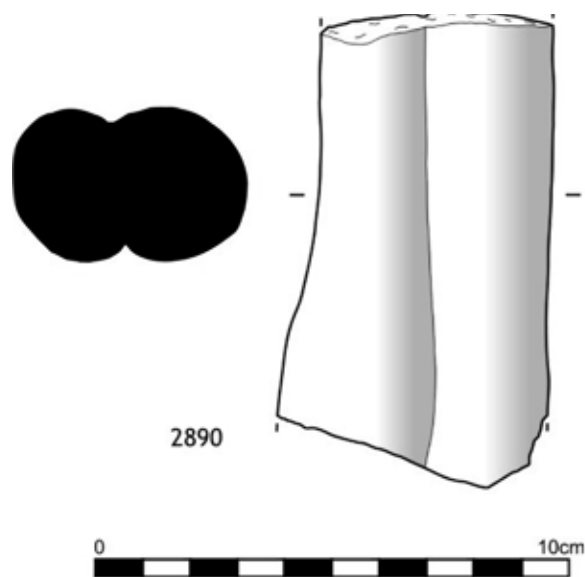


Fig. 20 Asa de Dressel 2-4 de produção gaditana.

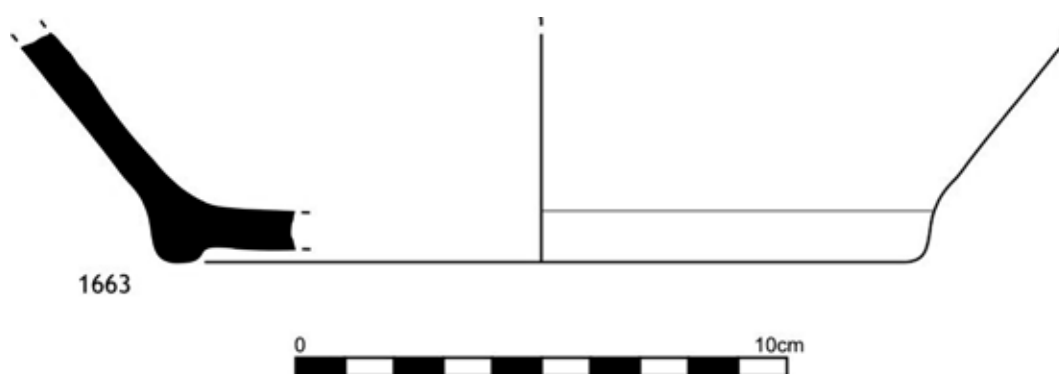


Fig. 21 Fundo de ânfora, possivelmente de uma Dressel 28.

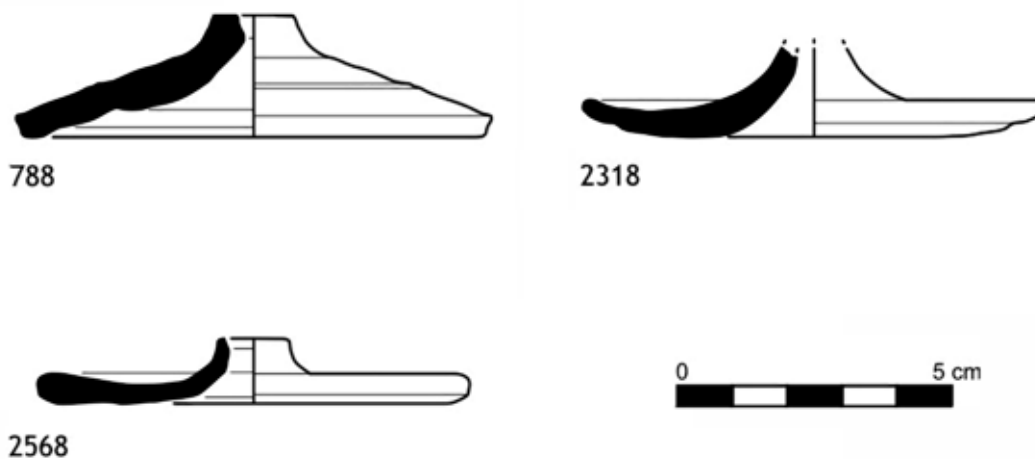


Fig. 22 Opérculos de produção bética.

5. Ânforas de produção lusitana

5.1. *As Ovóides Lusitanas*

O segundo grupo anfórico melhor representado no conjunto das ânforas da Rua dos Bacalhoeiros é, sem dúvida, o das ânforas lusitanas, concretamente as produções mais antigas, tendo sido recolhidos 10 fragmentos de bordo, um dos quais conserva a asa e colo, e dois fragmentos de colo e asa, a que se acrescentam dois fundos e um conjunto significativo de opérculos de produção lusitana.

Trata-se de um conjunto de fragmentos que apresenta grande variedade formal ao nível do perfil dos bordos, invariavelmente marcados por uma moldura mais ou menos acentuada, colos e asas curtas, de secção ovalada e com ou sem um sulco longitudinal no dorso, aproximando-se morfológicamente das ânforas ovóides tardo-republicanas e alto-imperiais produzidas na região meridional hispânica, concretamente, dos tipos Haltern 70 e Dressel 7–11.

O estudo destas ânforas lusitanas mais precoces, de corpo ovóide, encontra-se ainda pouco desenvolvido devido, principalmente, à falta de materiais provenientes de contextos primários, associados a estratigrafias seguras, que permitam precisar a cronologia da sua produção e difusão, do mesmo modo que o estado fragmentado da maioria destas ânforas impede uma melhor tipificação e caracterização morfológica. Também no âmbito dos centros produtores conhecidos a realidade actual é bastante truncada, sendo que, aparentemente, nenhum recua para lá do período Júlio-Cláudio (Fabião, 2004, p. 402), podendo-se enumerar a olaria do Morraçal da Ajuda, Peniche (Cardoso, Rodrigues & Sepúlveda, 2006), o Largo da Misericórdia, Setúbal (Silva, 1996), Abul, no Vale do Sado (Mayet & Silva, 2002) e mesmo a Herdade do Pinheiro, igualmente no Vale do Sado, cuja fase mais antiga parece centrar-se em meados do século I d.C. (Mayet & Silva, 1998).

Contudo, nos últimos anos tem-se assistido a uma multiplicação de publicações de conjuntos destes modelos anfóricos, começando-se a esboçar um mapa de difusão bastante amplo que, para já, se estende desde Alcácer do Sal (Pimenta & alii, 2006), Lisboa (Bugalhão, 2001; Fernandes & alii, 2006b; Morais & Fabião, 2007; Filipe, 2008), Vila Franca de Xira (Quaresma, 2005), Coruche (Quaresma & Calais, 2005), Santarém (Arruda, Viegas & Bargão, 2006), Castelo da Lousa (Morais, 2003), Ilha da Berlenga (Bugalhão & Lourenço, 2006), Peniche, neste caso, um centro de produção (Cardoso & Rodrigues, 2005; Cardoso, Rodrigues & Sepúlveda, 2006), vários locais da região entre Douro e Minho (Morais, 2003), até à Galiza (Morais, 2003).

Ainda assim, a escassez de dados, relativamente a estes modelos anfóricos, levou a que alguns investigadores (Morais, 2003; Morais & Fabião, 2007) tivessem proposto a designação mais genérica de *Ovóides Lusitanas* no que respeita à classificação destes materiais, pelo menos enquanto o volume e qualidade dos dados conhecidos não permita uma melhor e mais correcta caracterização (Morais & Fabião, 2007), proposta que aqui se adopta. Para já, aquilo que parece estar bem assente é a antiguidade destas produções face ao que se conhecia, com início, pelo menos, a partir das últimas décadas do século I a.C., recuando, possivelmente, a meados do mesmo século (Morais, 2003, p. 40), bem como um provável conteúdo piscícola (Morais & Fabião, 2007, p. 132) e, possivelmente, vinícola (Cardoso, Rodrigues & Sepúlveda, 2006, p. 276). Da mesma forma, são evidentes as afinidades formais com as ânforas ovóides produzidas na região meridional hispânica em idêntico período, aproximando-se bastante, conforme já foi referido, das Haltern 70 e do grupo das Dressel 7 a 11, bem como das Classe 67 (Morais & Fabião, 2007, pp. 128–129).

Os melhores paralelos para as peças da Rua dos Bacalhoeiros podem-se encontrar em alguns exemplares de Santarém (Arruda, Viegas & Bargão, 2006), de Alcácer do Sal (Pimenta & alii, 2006) e do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008). Foram ainda identificados dois fragmentos de fundo

de produção lusitana, um dos quais poderá pertencer a uma Dressel 28 (n.º 2037), sendo que o outro fragmento (n.º 3372) se poderá enquadrar tanto no grupo das Ovóides Lusitanas como nas primeiras Dressel 14.

À semelhança do que acontece no Aljube do Porto, onde foram recolhidos cerca de uma centena (Morais & Fabião, 2007, p. 129, Fig. 7), ou mesmo da realidade do teatro romano de Lisboa, onde se recolheram 29 (Filipe, 2008, p. 78), na Rua dos Bacalhoeiros registou-se um elevado número de opérculos de ânfora de produção lusitana, tendo-se exumado 33 fragmentos com diâmetros que variam entre os 8 e os 9 cm.

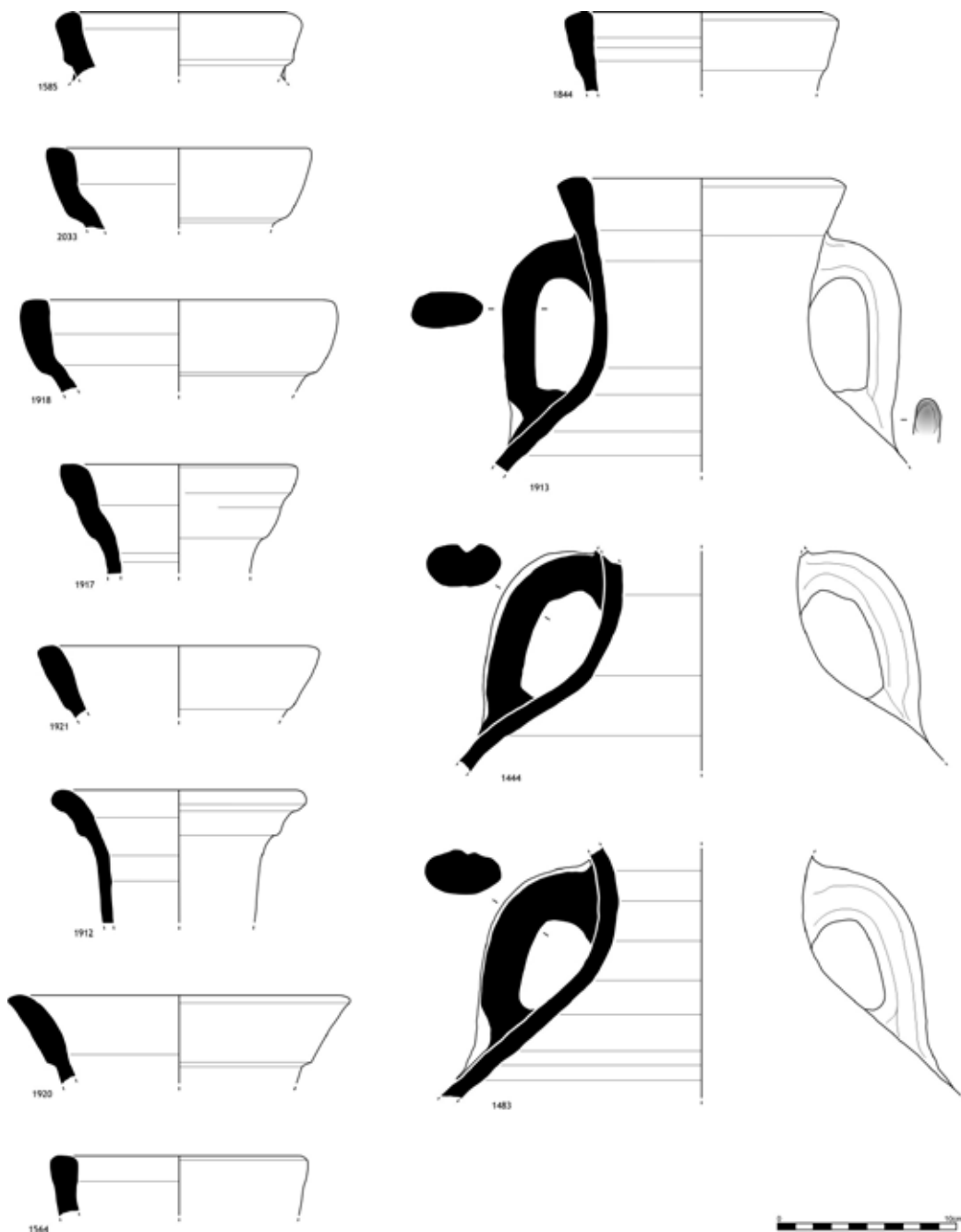


Fig. 23 Ânforas Ovóides Lusitanas.

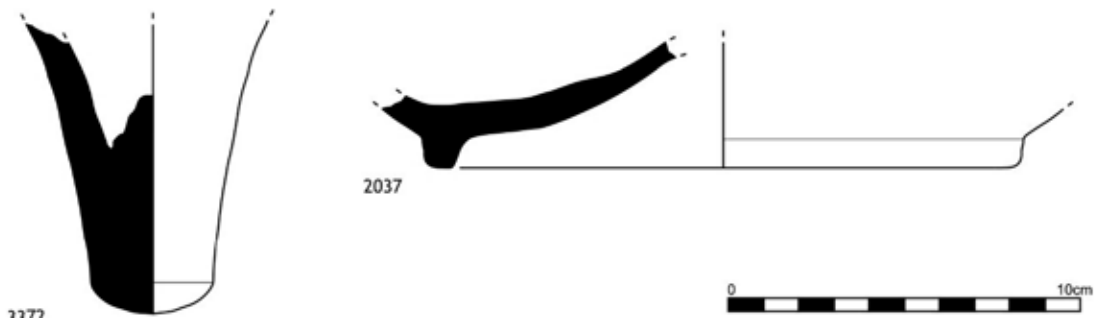


Fig. 24 Fundos de ânfora de produção lusitana.

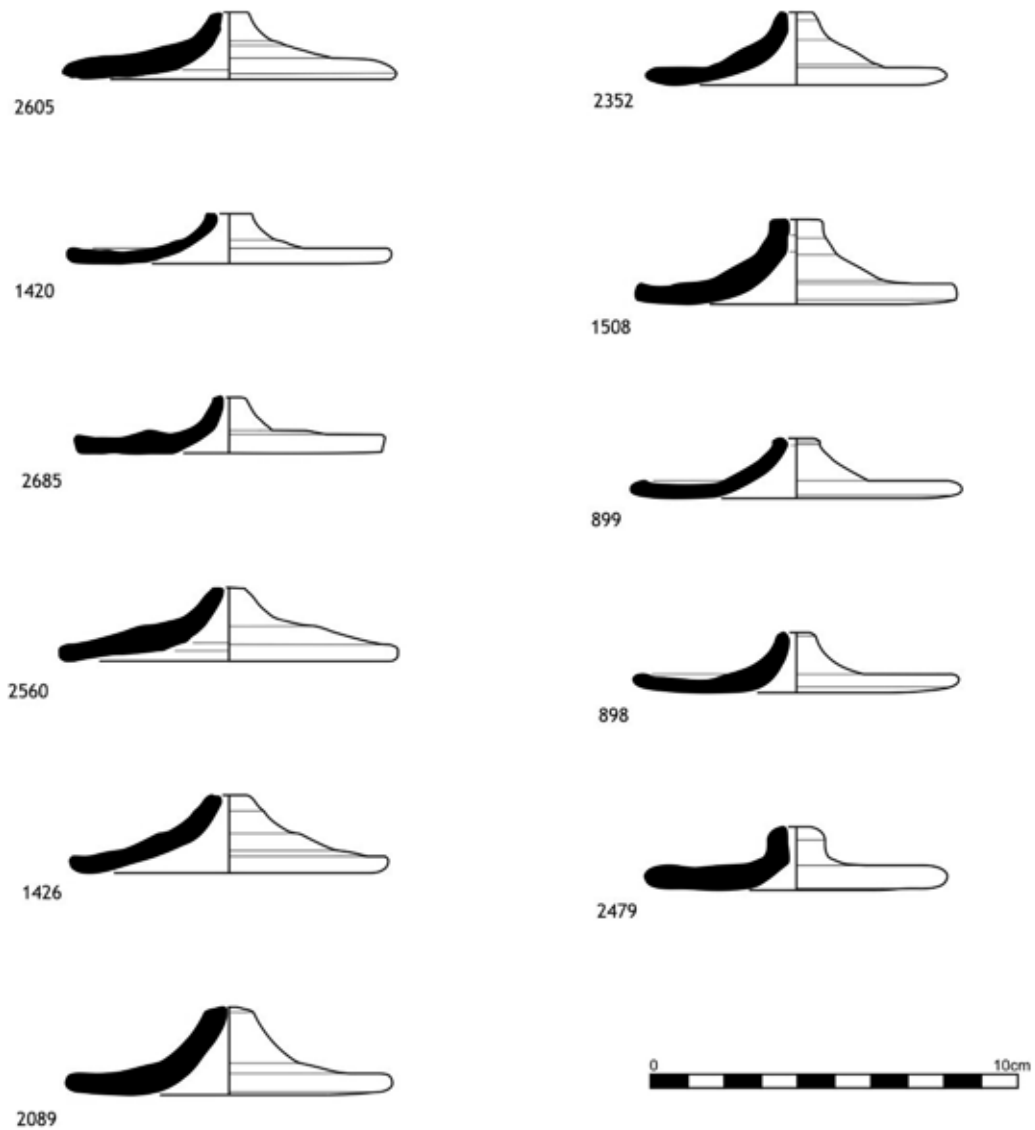


Fig. 25 Opérculos de produção lusitana.

Na análise macroscópica do conjunto total dos fragmentos de ânfora de produção lusitana da Rua dos Bacalhoeiros, foram individualizados três grupos de pastas distintos.

Grupo PL 1 – Pasta pouco depurada, porosa, pouco dura, de cozedura oxidante e de tons vermelhos e acastanhados (7.5 YR 6/6; 10YR 6/4). Os elementos não plásticos são abundantes e de reduzida e média dimensão, constituídos essencialmente por quartzos rolados, grãos ferruginosos e micas, observando-se ainda a presença de pequenos vacúolos.

Grupo PL 2 – Pasta pouco depurada, compacta, dura, de cozedura oxidante, cor vermelho-claro (2.5 YR 6/8) e cerne acinzentado. Os elementos não plásticos são abundantes e de reduzida e média dimensão, compostos principalmente por quartzos rolados, grãos ferruginosos, raras margas e mica.

Corresponde às produções da olaria do Morraçal da Ajuda em Peniche e ao grupo PL 3 das ânforas do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008).

Grupo PL 3 – Pasta pouco depurada, compacta e dura, de cozedura oxidante e em tons avermelhados (2.5YR 7/6; 5YR 6/8; 7.5YR 6/6). Observa-se a presença de abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos sub-rolados de pequena, média e grande dimensão, ocasionais grãos ferruginosos de grande dimensão, nódulos de argila cozida, mica de pequenas dimensões e a existência de vacúolos. Alguns exemplares exibem um engobe pouco espesso de cor castanho-acinzentado (7.5YR 6/4; 10YR 6/2). Corresponde ao grupo de pastas PL 1 do teatro romano de Lisboa, atribuível às produções do Tejo e Sado jusante (Filipe, 2008).

5.2. As Dressel 14

Trata-se de um contentor largamente produzido nas olarias da Lusitânia, concretamente no Algarve, nos vales do rio Tejo e do rio Sado e em Peniche, entre meados do século I e inícios do século III d.C., e amplamente difundido pelo território nacional (Pimenta & alii, 2006). Constituiu-se como uma criação local, posteriormente imitada nos centros de produção béticos (Mayet & Silva, 2002; Fabião, 2004), destinada a transportar os preparados de peixe produzidos na Lusitânia.

Na Rua dos Bacalhoeiros foi identificado apenas um bordo, de perfil triangular, enquadrável nos primeiros anos de produção desta forma, fabricado no vale do Tejo ou no baixo vale do Sado (grupo de pastas PL 1).

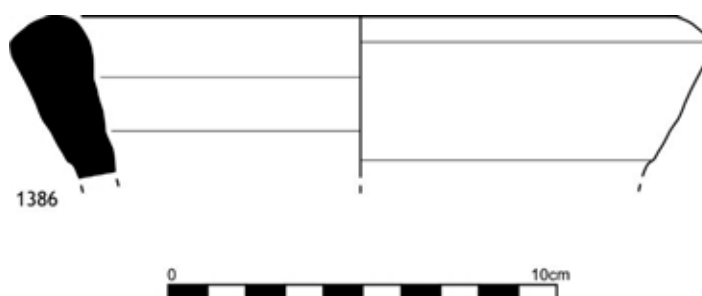


Fig. 26 Bordo de ânfora de tipo Dressel 14.

6. Considerações finais

Embora tendo em conta a reduzida expressividade quantitativa do conjunto de ânforas da Rua dos Bacalhoeiros, bem como a especificidade dos contextos arqueológicos em que aquelas foram recolhidas, já referida ao longo deste texto, os dados que ora são dados à estampa permitem tecer algumas breves considerações acerca da dinâmica comercial e dos hábitos alimentares em *Olisipo*, especialmente se contextualizados com a realidade conhecida para este período cronológico.

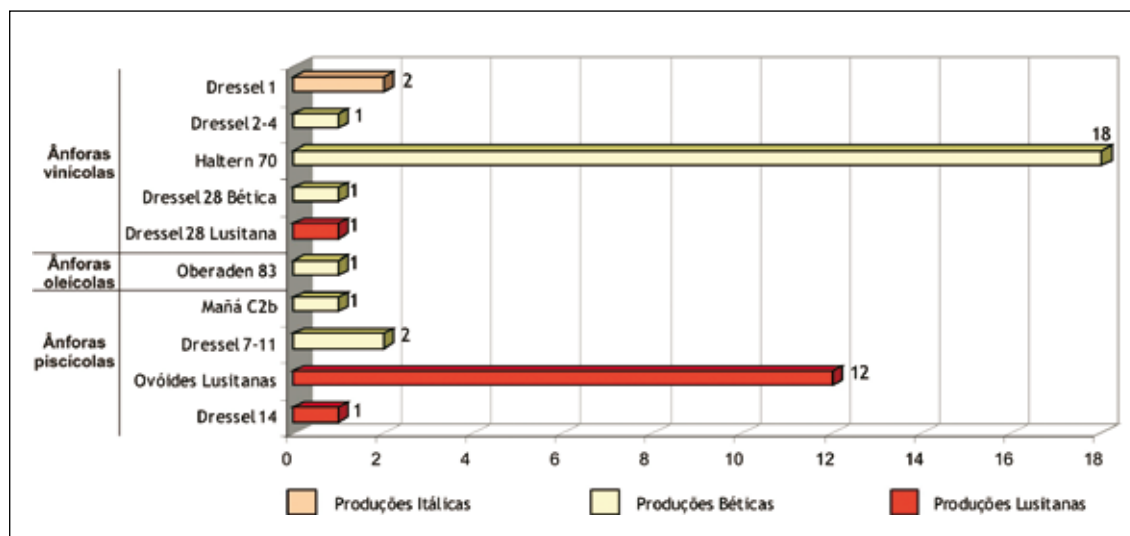


Fig. 27 Tipologias, zonas de produção e conteúdos das ânforas da Rua dos Bacalhoeiros.

Desde logo, a presença de materiais republicanos, concretamente de Dressel 1 itálicas e Mañá C2b, amplamente documentados em Lisboa, principalmente no Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005), mas também, entre outros, no teatro romano de Lisboa (Diogo, 2000; Filipe, 2008) e na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado & Leitão, 2005), demonstra, uma vez mais, a preponderância dos vinhos itálicos e dos preparados à base de peixe provenientes da região meridional hispânica no quadro das importações alimentares da época, face à total ausência da importação de azeite. Situação análoga verifica-se em Santarém, no vale do Tejo (Arruda & Almeida, 1998; Bargão, 2006).

A cronologia de produção e difusão das restantes ânforas exumadas na Rua dos Bacalhoeiros centra-se, sobretudo, na dinastia júlio-claudiana. Assim, observa-se uma preponderância dos produtos alimentares importados da província da Bética face aos da Lusitânia, particularmente expressiva na presença maioritária de ânforas de tipo Haltern 70. O vinho bético é, portanto, o produto mais importado daquela província, sendo que o azeite e os produtos piscícolas se encontram escassamente representados.

Se a fraca representatividade dos contentores oleícolas se afigura de difícil explicação, principalmente se se tiver em conta os dados de Santarém (Almeida, 2006) e do teatro romano de Lisboa (Filipe, 2008), onde a importação de azeite bético é bastante significativa, a fraca representatividade dos produtos piscícolas béticos parece poder explicar-se pelo emergir das produções lusitanas mais antigas, que, paulatinamente, foram substituindo os produtos daquela região. No teatro romano de Lisboa observa-se idêntico panorama (Filipe, 2008), embora o mesmo não se verifique em Santarém, onde a presença das produções lusitanas mais precoces parece ser mais discreta (Arruda, Viegas & Bargão, 2005, 2006; Almeida, 2006).

NOTAS

- * Mestre em Pré-História e Arqueologia. Colaborador do Museu da Cidade, Lisboa. A restante equipa de arqueologia era constituída por Marco Calado e pelo próprio.
- ¹ A quem não posso deixar de agradecer a possibilidade e o incentivo para desenvolver o presente estudo. ² Para uma actualizada geografia da sua distribuição ver Pimenta, 2005, p. 120, fig. 31, e Bargão, 2006, p. 40, fig. 17.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Rui (2006) - *As produções anfóricas do Guadalquivir no quadro das importações de Scallabis: contributo para o conhecimento dos tipos minoritários no Ocidente Peninsular*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- AMARO, Clementino (1982) - Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 6, pp. 96-111.
- AMARO, Clementino (2002) - *De Olisipo a Lisboa: a Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (campanhas de 1983-1991). *Conímbriga*. Coimbra. 37, pp. 201-231.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2005) - As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 279-297.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2006) - Ânforas lusitanas da Alcáçova de Santarém. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 233-252.
- BARGÃO, Patrícia (2006) - *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a Época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- BERNI MILLET, Piero (1998) - *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña romana*. Barcelona: Universitat.
- BOUBE, Jean (1973-1975) - Marques d'amphores découvertes à Sala, Volubilis et Banasa. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. Rabat. 9, p. 163-235.
- BUGALHÃO, Jacinta (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BUGALHÃO, Jacinta; LOURENÇO, Sandra (2006) - As ânforas romanas da Ilha da Berlenga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 279-294.
- CARDOSO, Guilherme (1990) - O forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise, eds - *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio. Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conímbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988*. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga, pp. 153-165.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2005) - Olaria romana do Morraçal da Ajuda. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*. Bombarral: Câmara Municipal, pp. 83-102.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino; SEPÚLVEDA, Eurico de (2006) - A olaria romana de Peniche. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 253-278.
- COLLS, Dali; ÉTIENNE, Robert; LEQUÉMENT, Robert; LIOU, Bernard; MAYET, Françoise (1977) - L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude. *Archaeonautica*. Paris. 1.
- DESBAT, Armand (1998) - L'arrêt des importations de Dressel 1 en Gaule. In *Actes du Congrès d'Istres*. Marseille: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, pp. 31-35.
- DIOGO, António Manuel Dias (2000) - As ânforas das escavações de 1989-93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 163-179
- DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1999) - Ânforas e sigillatas tardias (claras, foceenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, pp. 83-95.
- FABIÃO, Carlos (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- FABIÃO, Carlos (1998) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 169-198.
- FABIÃO, Carlos (2000) - Sobre as mais antigas ânforas «romanas» da *Baetica* no ocidente peninsular. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, pp. 665-682.
- FABIÃO, Carlos (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL CASASOLA, Dario; LAGÓSTENA BARRIOS, Lázaro, eds. - *FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. Vol. 1, Oxford: Archaeopress, pp. 379-410.

- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1994) - As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990–92. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993) da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 275–290.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2006a) - Núcleo de transformação piscícola de época romana na Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). In Simpósio “A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana”, 16 a 18 de Novembro, Peniche. No prelo.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2006b) - Intervenção arqueológica na Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa, 2005/2006). *Al-madan*. Almada. II série. 14, pp. 60–65.
- FILIPE, Victor (2008) - *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2007) - Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta nascente de *Olisipo*. *Al-madan*. Almada. II série (15). Adenda electrónica, IX, pp. 1–10.
- GARCÍA VARGAS, Enrique (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C.–IV d.C.)*. Écija: Gráficas Sol.
- HESNARD, Antoinette; LEMOINE, Charlotte (1981) - Les amphores du Cécube et du Falerne: prospection, typologie et analyses. *Mélanges de l'École Française de Rome–Antiquité*. Roma. 93, pp. 243–295.
- HESNARD, Antoinette; RICQ DE BOÛARD, Monique; ARTHUR, Paul; PICON, Maurice; TCHERNIA, André (1989) - Aires de production des gréco-italiques et des Dr. 1. In *Amphores romaines et histoire économique: dix ans de recherche*. Roma: École Française de Rome, pp. 21–65.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro. Portugal*. Paris: De Boccard.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul*. Paris: De Boccard.
- MOLINA VIDAL, Jaime (1997) - *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil-Albert.
- MORAIS, Rui (1998) - *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho.
- MORAIS, Rui (2003) - Problemàtiques i noves perspectives sobre les àmfores ovòides tardo-republicanes. Les àmfores ovoïdes de producció Lusitana. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 36–40.
- MORAIS, Rui; CARRERAS MONFORT, Cèsar (2003) - Geografia del consum de les Haltern 70. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 93–112.
- MORAIS, Rui; FABIÃO, Carlos (2007) - Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Universidad de Cádiz, noviembre de 2005*. Oxford: Archaeopress, pp. 127–133.
- PEACOCK, David P. S.; WILLIAMS, David F. (1986) - *Amphorae and the Roman Economy: an introductory guide*. London: Longman Publications.
- PIMENTA, João (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- PIMENTA, João (2006) - A importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (séculos II–I a.C.). In *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Universidad de Cádiz, noviembre de 2005*. Oxford: Archaeopress, pp. 221–233.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 313–334.
- PIMENTA, João; SEPÚLVEDA, Eurico de; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol (2006) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de importação e de produção lusitana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 299–316.
- QUARESMA, José Carlos (2005) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 403–428.
- QUARESMA, José Carlos; CALAIS, Cristina (2005) - S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-cláudia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 429–447.
- RAMON TORRES, Joan (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- REMESAL RODRÍGUEZ, José; CARRERAS MONFORT, Cèsar (2003) - Historia de la recerca. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 19–23.
- SABROSA, Armando; BUGALHÃO, Jacinta (2004) - As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae: talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.–VII d.C.)*. Oxford: Archaeopress, pp. 571–585.
- SILVA, Augusto Vieira (1987) - *A cerca moura de Lisboa*. 3.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal.
- SILVA, Carlos Tavares da (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In FILIPE, Graça; RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro, eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal; Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, pp. 43–54.
- TCHERNIA, André (1990) - Contre les épaves. In *Gaule interne et Gaule méditerranéenne aux II^e et I^{er} siècles avant J.-C.* Paris: CNRS, pp. 291–301.